

“Aos ricos champagne de 1ª qualidade”: jornais impressos e consumo da elite urbana de Fortaleza nos festejos da abolição da escravidão na Província do Ceará

“To the rich 1st quality champagne”: printed newspapers and consumption of the urban elite of Fortaleza in the celebrations of the abolition of slavery in the province of Ceará

Edson Holanda Lima Barboza

Doutor em História Social (PUC/SP). Professor Adjunto, lotado no Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

André Victor da Silva Oliveira

Discente do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades da Unilab, com bolsa da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

Resumo: O artigo discute o processo de modernização e formação de uma elite letrada e urbana na província do Ceará, especialmente em sua capital, durante a segunda metade do século XIX, o que possibilitou a disseminação de jornais impressos que tratavam dos embates políticos e sociais locais, entre os quais o processo abolicionista a partir de 1880 foi um dos temas mais presentes. Ao analisar os anúncios do “*Gazeta do Norte*”, periódico ligado aos Liberais, e do “*Libertador*”, vinculado aos abolicionistas da Sociedade Cearense Libertadora, percebemos como os setores supostamente progressistas entre os letrados de Fortaleza, destacavam a atuação das elites econômicas e políticas e tornavam as festividades do 25 de março de 1884, data da proclamação do fim da escravidão no Ceará, como palco para estimular padrões de comportamento e consumo. Os anúncios de mercadorias voltadas para os setores urbanos com maior poder aquisitivo para participar das comemorações abolicionistas, vão além do interesse de comerciantes em vender seus produtos, representam a articulação com os discursos da imprensa que vinculou o protagonismo da abolição

Abstract: The article discusses the process of modernization and formation of a literate and urban elite in the province of Ceará, especially in its capital, during the second half of the 19th century, which made possible the dissemination of printed newspapers that dealt with local political and social conflicts, among which the abolitionist process from 1880 onwards was one of the most present themes. When analyzing the advertisements of the “*Gazeta do Norte*”, a periodical linked to the Liberals, and the “*Libertador*”, linked to the abolitionists of the Sociedade Cearense Libertadora, we noticed how the supposedly progressive sectors among the literati in Fortaleza highlighted the performance of the economic and political elites. and made the festivities of March 25, 1884, the date of the proclamation of the end of slavery in Ceará, as a stage to stimulate patterns of behavior and consumption. Advertisements for goods aimed at urban sectors with greater purchasing power to participate in abolitionist celebrations go beyond the interest of traders in selling their products, they represent the articulation with the speeches of the press that linked the protagonism

cearense como ato civilizatório orquestrado pelas elites urbanas, um processo de autopromoção que justificaria a manutenção das hierarquias após o fim da escravidão.

Palavras-chave: imprensa cearense, elite urbana, anúncios, abolição.

of abolition in Ceará as a civilizing act orchestrated by the urban elites, a process of self-promotion that would justify the maintenance of hierarchies after the end of slavery.

Keywords: Ceará press, urban elite, advertisements, Abolition.

A abolição como ato civilizatório: o Ceará oitocentista aos moldes da *belle époque*

A segunda metade do século XIX no Ceará chegou de forma significativa ao operar mudanças importantes nos mais diversos âmbitos sociais, políticos e econômicos da província. Regulamentações de caráter nacional como a Lei Eusébio de Queirós¹ e a Lei do Ventre Livre², são alguns exemplos legais que resultaram em consequências para a dinâmica da relação senhor e escravizado(a) no Brasil. A “benevolência” dos agentes legisladores não se traduz perante um olhar humanitário à questão escravista, mas sim, resultante de pressões externas de países como a Inglaterra com seu *Slavery Abolition Act* (1833) e também “em razão das lutas e resistências dos negros escravizados e livres contra o escravismo” (SOBRINHO, 2020: 134). Sendo esta última, a razão pela qual “a legislação foi obrigada a se adaptar a uma realidade clara: aqueles que eram vistos como coisas, brutos e indulgentes sabiam se organizar e se rebelar” (SOBRINHO, 2020: 134).

A peculiaridade cearense se converte em um cenário propício a transformações, a partir de novas alternativas ideológicas importadas da Europa – considerada a vanguarda da civilização – chegando como sinônimo de progresso: “Novas ideias, ligadas ao cientificismo e ao liberalismo político, abalam as estruturas tradicionais do poder e abrem caminho à abolição e à república” (CORDEIRO, 2000: 137). Resultando no embate de valores ditos “modernos” aos “tradicionais”, que chegam a capital e se espalham de forma considerável entre a elite letrada e bacharelesca. Sendo esta, em grande parte formada pela Escola de Direito de Recife e de São Paulo, “locais onde muitos alunos saíam republicanos e abolicionistas” (ALONSO, 2015: 99). Jovens egressos de famílias nordestinas que acabaram se tornando a gama mais ativa de políticos reformistas (BOSI, 1992: 222), em atuação no Ceará.

O contexto fervoroso de ideias reverberou um conjunto de novos costumes “civilizatórios”. Sendo a “civilização” neste período, sinônimo de progresso e modernização, como ressalta Sebastião Rogério Ponte (2000) ao buscar abordar o fenômeno da revolução científico-tecnológica na Europa e a sua adaptação ao Brasil, e conseqüentemente em Fortaleza. O fluxo econômico,

1. Lei nº 581 de 4 de setembro de 1850. “Art. 1º As embarcações brasileiras encontradas em qualquer parte, e as estrangeiras encontradas nos portos, enseadas, ancoradouros, ou mares territoriais do Brasil, tendo a seu bordo escravos, cuja importação he prohibida pela Lei de sete de Novembro de mil oitocentos trinta e hum, ou havendos desembarcado, serão apprehendidas pelas Autoridades, ou pelos Navios de guerra brasileiros, e consideradas importadoras de escravos”. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim581.htm>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

2. Lei nº 2040 de 28 de setembro de 1871. “Art. 1º Os filhos de mulher escrava que nascerem no Imperio desde a data desta lei, serão considerados de condição livre”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

que se desenvolveu a partir de 1860, foi impulsionado pelo aumento da exportação algodoeira, resultado da grande procura pelo algodão cearense que “decorreu da suspensão temporária da demanda do algodão norte-americano para a Europa, causada pela eclosão da Guerra de Secessão nos EUA, naquela década” (PONTE, 2000: 163). Fator que acabou ocasionando um processo de remodelação sócio-urbana em Fortaleza, que “sob o influxo desse *boom* algodoeiro, a capital auferiu considerável crescimento comercial e logo se pontificou enquanto principal centro urbano econômico, financeiro e social do Ceará, sobrepujando Aracati que desde o século XVIII, ostentava essa condição” (PONTE, 2000: 163).

O traslado de navios e o fluxo de informações, bem como o transporte de matéria prima e produtos industrializados, facilitaram a importação de materiais tecnológicos, novas ideias e costumes sociais europeus, principalmente da França, aos portos de Fortaleza. O afrancesamento da capital, palco da *belle époque* no Ceará, iniciou a partir de 1860, indo até as primeiras décadas do século XX, período do seu auge. A obsessão pela modernização se tornou quase um *sine qua non* para certificar-se do progresso cearense (SOUSA, 2014: 21). Fato este, que ocasionou na década de 1860, por exemplo, a construção do Lazareto da Lagoa Funda e a Santa Casa da Misericórdia, e na década seguinte a instalação da linha férrea de Baturité, novo cemitério, criação da Academia Francesa³, iluminação a gás e o plano urbanístico de Adolfo Herbster (PONTE, 2000: 164-166).

Ao mesmo tempo que as transformações estruturais moldavam a arquitetura da província, em grande parte na capital, Celeste Cordeiro, (2000: 135) nos sinaliza para outro aspecto importante: a disseminação das ideias para a solidificação desse novo cenário. Por conseguinte, a quantidade de jornais circulando em Fortaleza e no Ceará como um todo, foi bastante representativa para a divulgação das tendências ideológicas liberais, conservadoras, católicas, maçons, republicanas etc. que pairavam no Brasil.

Assim, as conexões com o mercado, as ideias europeias e o crescimento urbano compõem o cenário da “explosão da palavra impressa” (SANTOS, 2011: 189) e da construção do “performativo teatro do jornalismo” cearense (MESQUITA, 2020: 678) no embate de conservadores *versus* liberais para assegurarem a permanência dos privilégios políticos das velhas lideranças (FERNANDES, 2004: 30).

O tráfego de novas ideias como o liberalismo, positivismo, darwinismo e abolicionismo nas academias (SOUSA, 2014: 21); a consolidação da imprensa com a intensa circulação de jornais na capital e no interior (CORDEIRO, 2000: 136); os ares da *belle époque* em Fortaleza (PONTE, 2000: 162), foram reinterpretados com o objetivo de permitir ampla margem para a construção de um *boulevard* de possibilidades para manutenção de poder das grandes elites do Ceará. É nesse sentido que, entre cisões políticas e clima hostil, na zona de combate das ideias impressas, cria-se em Fortaleza importantes periódicos.

3. A Academia Francesa fundada em Fortaleza, no início da década de 1870, representou o início da introdução de ideias científicas advindas da Europa e contou com a participação de intelectuais como Capistrano de Abreu, Domingos Olímpio, entre outros: “O grupo se reunia na casa de Rocha Lima para realizar leituras e debates sobre filosofia positivista e Auguste Comte” (OLIVEIRA, 2002: 24-25).

Neste contexto, o *Gazeta do Norte*⁴, da facção liberal, de 1880 e o emblemático *Libertador*⁵, de 1881, órgão da *Sociedade Cearense Libertadora*, são alguns dos periódicos selecionados para análise do discurso da imprensa em relação a abolição, bem como alguns trâmites que envolvem os interesses dessa elite jornalística, aos processos que validaram a emancipação cearense, em meio ao contraste do discurso e a ação. Uma vez que, a data da “abolição” dos escravizados do Ceará é considerada pioneira, ou seja, a primeira província “livre” do Brasil.

Justifica-se o enfoque, na medida que se analisa o discurso e a dinâmica obtidos com o fluxo dos jornais sobre a “abolição” na cidade de Fortaleza e como sua influência na sociedade cearense produziu um consenso sobre este evento, relacionando-o diretamente aos abolicionistas, como ato de “caridade e patriotismo” (*Gazeta do Norte*), sob a titulação divina de “apóstolos da liberdade” (*Libertador*). Exaltação que acabou omitindo fatores que favoreceram em maior escala para a efetivação do 25 de março no Ceará, a exemplo do tráfico interno de escravizados ter contribuindo fortemente para acelerar a abolição (GRAHAM, 2002: 122), uma vez que o Ceará foi um “centro exportador de cativos para as lavouras de cana e café do sul” (SOBRINHO, 2005: 56); ou a grande seca no Ceará entre 1877-1879 (TEÓFILO, 1922) e a consequência dessa seca nas rotas de imigração de escravizados em direção as províncias do extremo Norte (AUTOR).

Neste sentido, a opção de produzir o 25 de março como um “lugar de memória”⁶ que exaltava o protagonismo das elites políticas e intelectuais, representou uma escolha por silenciar outros processos, tais como o “abolicionismo de feição popular comprometido em acelerar o fim da escravidão” (ALBUQUERQUE, 2006: 187); e os “atos de resistência dos negros no Brasil, especialmente no Ceará”, que possuíam um “significado singular, principalmente para a população cativa” (VIEIRA, 2020: 149).

As ideias impressas e a promoção abolicionista na década de 1880

Em meados dos oitocentos, a imprensa seguia em um amplo processo de crescimento e aceitação no circuito elitista da capital e do interior cearense. Entrando em cena, periódicos relevantes para a composição política do Ceará, tornando-se um incremento para a divulgação de seus interesses partidários e consequentemente em atos de oposição ao governo adversário. Além do embate ideológico e a busca pela disseminação de ideias “civilizatórias” que remetiam ao progresso, a exemplo, temos o abolicionismo que entrava em ascensão nos debates políticos

4. Jornal **Gazeta do Norte** (CE) 1880-1890. Foi na leva de intelectuais políticos que entra em cena o jornal *Gazeta do Norte* (órgão liberal), em 8 de junho 1880, fundado por Tomás Pompeu de Sousa Brasil, filho de pai de mesmo nome e líder da facção liberal no Ceará. Que logo após o falecimento do chefe do partido, houve o rompimento das lideranças e a desfiliação com o jornal *Cearense* (1846) (FERNANDES, 2004: 32). Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103950&pesq=&pagfis=1>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

5. Jornal **Libertador** (CE) 1881-1892. É nesse ambiente da virada para a década de oitenta, as vésperas da Greve dos Jangadeiros (27 de janeiro de 1881), que estreava a gazeta da *Sociedade Cearense Libertadora*, fruto da principal agremiação antiescravista do Ceará - uma vez que esta capitaneou a campanha abolicionista na província - que deram vida ao emblemático jornal *Libertador*, em 1º de janeiro de 1881. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=229865&pagfis=1>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

6. Para Pierre Nora: “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1992: 13).

de conservadores e liberais na assembleia provincial cearense. A propagação de ideias abolicionistas, veio ao passo da frequente “modernização” urbana que oferecia o aperfeiçoamento dos sistemas de transporte e regularização dos serviços dos Correios, em virtude do crescimento das linhas férreas e da implantação da rede de telegrafia, permitindo a expansão da imprensa e de suas ideias a população letrada do Império (BARBOSA, 2010: 117).

É nesse contexto de modernização da cidade de Fortaleza, que a divulgação das ações abolicionistas de cearenses envolvidos na política da província se alastravam no fluxo constante e rotineiro das edições impressas das gazetas que circulavam pelos arredores da capital do Ceará e também pelo interior. Fato que encadeou o que Lustosa (2000) destaca, como marca do contexto oitocentista no Brasil, sobre a inexistência de fronteiras entre o jornalismo, política e literatura, em cenários compostos em sua grande maioria por homens letrados de poder econômico e social que acabavam assumindo o papel de escritores e redatores de suas folhas partidárias, recorrendo à desqualificação de oponentes como forma de assegurar seus interesses.

Seguindo este viés, no caso específico da província cearense, a abolição foi usada como um instrumento quase bélico no debate impresso entre grupos políticos nos discursos sobre a posse escravista no Ceará. Os liberais defendendo a troca do trabalho escravizado pelo livre e os conservadores em sua grande maioria preferindo a manutenção do regime escravocrata em detrimento da manutenção do *status quo* social. Mas não era regra, pois havia heterogeneidade dentro dos mesmos partidos (FERNANDES, 2004: 31), embora liberal e conservador pareçam ideias opostas, no contexto da época mais se complementavam do que se repeliam (SOBRINHO, 2005: 138).

A urgência pela abolição emergiu em alguns grupos políticos como uma missão quase divina. Foi daí que surgiram as sociedades libertadoras que acabavam cumprindo um papel de organização financiadora e articuladora das alforrias que viriam a ocorrer no Ceará. A *Sociedade Perseverança e Porvir* (1879), que deu origem à *Sociedade Cearense Libertadora* (1880), foram as mais expressivas agremiações elitistas da capital que buscaram fomentos para as manumissões de escravizados da província. E mesmo com a hegemonia, surgiram outros grupos de abolicionistas não compactadores com formas mais “radicais” de liberdade, seriam eles os “embuçados e insinceros” do *Centro Abolicionista 25 de Dezembro*, com fundação no dia 19 do último mês do ano de 1882 (GIRÃO, 1984: 151). Como se não bastasse o embate com os escravizadores, havia dessa vez, a disputa entre abolicionistas.

Além da presença maçante das agremiações abolicionistas masculinas, é importante salientar, a presença das mulheres na elaboração de projetos coletivos para fins emancipadores, como é o caso das *Cearenses Libertadoras*, que de forma solene nos salões do Clube Cearense, oficializaram sua fundação em 6 de janeiro de 1883. Sua diretoria provisória era composta por:

Diretora Geral: Maria Tomásia Figueira Lima; 1ª Vice-diretora: Carolina Cordeiro; 2ª Vice: Luduvina Borges; 1ª Secretária: Jacinta Augusto Souto; 2ª: Elvira Pinho; Tesoureira: Eugênia Amaral; Diretoras: Virgínia Salgado, Maria Faria de Oliveira, Joana Antônia Bezerra, Isabel Rabelo Silva, Francisca Rangel Bezerra, Luísa Torres de Albuquerque. Francisca Borges da Cunha Mamede, Isabel Vieira Teófilo, Jovina Jataí, Branca Rolim, Francisca Nunes da Cruz, Francisca Joaquina do Nascimento, Jesuína de Paula Pimentel, Maria d’Assunção dos Santos Castro, Maria Teófilo Martins,

Stefânia Nunes de Melo, Marieta Pio de Castro, Nerina Martins de Sá. (GIRÃO, 1984: 153)

Mas, além das sociedades consagradas na capital, Sales (2016: 17) nos relembra o surgimento de organizações abolicionistas no interior cearense, “ressaltando que a primeira sociedade libertadora no Ceará foi a de Baturité, organizada em 25 de maio de 1870”, dando força para a fundação da *Sociedade Redentora Acarapense* em, 8 de dezembro de 1882 e da *Sociedade Libertadora Artística Cearense*, ambas formadas por estudantes, senhores da sociedade e artistas, que se viram motivados pela liberdade e na busca por incentivos monetários para alforria de cativos da Villa do Acarape (GIRÃO, 1984: 152).

As “cruzadas” dos abolicionistas pelo sertão do Ceará, ocasionaram o financiamento e a negociação de alforrias promovidas pelo fundo de emancipação, fornecido pelas sociedades emancipadoras aos negreiros que se recusavam libertar seus cativos de forma espontânea. A liberdade comprada pelos abolicionistas que em sua concepção realizavam uma “causa santa”. Por esta causa, notou-se que, a partir de 1883, houve uma onda de emancipações em massa nos primeiros meses do ano, com a criação de diversas sociedades regionais, que tinham o objetivo de arrecadar fundos e cadastrar os escravos para as libertações em cada vilarejo ou cidade do solo cearense (GIRÃO, 1984: 60).

A vitória da campanha dos abolicionistas começou a ser efetivada, em 1 de janeiro de 1883, com a libertação da Villa do Acarape, a primeira do Brasil, noticiada em tom de festa nos veículos de comunicação e anunciada como o ponta pé inicial ao que veria a ser o êxito da “emancipação total” no Ceará em 25 de março do ano seguinte.

O entusiasmo com as primeiras libertações deu gás para a continuação desenfreada de alforrias orquestradas por lideranças da capital e requisitadas pelos escravizadores locais em troca de indenização pelo cativo perdido. Fato que fortaleceu o movimento com a libertação de cativos da capital do Ceará, em 24 de maio de 1883, dando grande visibilidade ao ato da cidade de Fortaleza. Esta última, palco de concentração dos maiores eventos políticos do Ceará, com forte cobertura da imprensa fortalezense que garantia os holofotes necessários para a divulgação da abolição, uma vez que começava a ecoar por todo Império.

A espetacularização da abolição reverberava nos jornais de acordo com o seu viés político. No caso da *Gazeta do Norte*, da facção liberal, o periódico evidenciava que a liberdade só seria sentida nas relações sociais “quando o trabalho for a inspiração do sentimento da independência individual”⁷, defendendo suas perspectivas de estímulo à livre concorrência e ao trabalho assalariado como elemento moralizador, fatores que não poderiam progredir enquanto existisse a escravidão.

Neste sentido, o discurso Abolicionista do *Libertador* em sua edição especial de 25 de março de 1884, buscou inovar, em seus mais diversos artigos selecionados para a comemoração, relacionando a ação dos abolicionistas letrados a uma batalha épica: “os libertadores feriram a primeira batalha nos campos negreiros”. Com o título “A obra da loucura” o autor de pseudônimo J.T., deixava sua narrativa ainda mais interessante, quando criticava os inimigos da abolição: “os espíritos enfesados e as inteligencias myopes, duvidando do resultado de tão ouzado

7. *Gazeta do Norte*, Fortaleza, ano IV, nº 64, 25 de março de 1884. p.2.

commetimento, emprestaram-lhes os qualificativos mais improprios”⁸. Com uma narrativa heroica e pretenciosa, o desfecho dessa emblemática batalha se deu após vencerem os “incensáveis empecilhos”, e foi dessa forma, que os abolicionistas “não recuaram, após uma luta titânica, onde empenharam a vida e a honra, baniram finalmente das plagas cearenses o monstro escravidão”.

Ainda na construção de uma narrativa que eleva os abolicionistas à condição de heróis, Frederico Borges em “O combate de hoje e a victoria d’amanhã”⁹, associou o trajeto dos abolicionistas pelas vilas do interior do Ceará com o movimento das cruzadas na Idade Média: “Não ha mais suseranos, nem pariás; patricios, nem servos da gleba. A cruzada libertadora nivelou os homens civilmente. A pugna foi tremenda.” Os “homens da liberdade” seriam os servos da missão para a conversão cristã, sendo ela o primeiro passo para se conseguir a graça da liberdade. “Si a resistencia não se manifestou pela voz atoadora do caminhão, nem pelo tinir da arma branca, é que o ataque se fez pela palavra inspirada dos apóstolos abolicionistas” método reforçado também pelo “echo magico do jornalismo”.

A associação da abolição ao discurso de bravura, sucesso e compaixão reflete o “legado” que os abolicionistas queriam atrelar a vossos nomes nesse processo histórico. João Cordeiro, membro da Sociedade Cearense Libertadora, expressou seu discurso no *Libertador* afirmando que “a escravatura cearense evaporou-se nas chammas do patriotismo masculino do povo democrata, que prefere a pobreza á barbaria de ter seus irmãos no captivo!”¹⁰. Esse sentimento se traduz, na verdadeira missão dos abolicionistas perante a escravização, vinculado a uma abolição sem compromisso perante à integração na sociedade dos sujeitos libertados da escravidão e tão pouco a fiscalização da manutenção escravista após os eventos de 1884. João Cordeiro, uma das principais lideranças do abolicionismo cearense, na edição especial do *Libertador*, ainda reiterou: “aqui – no Ceará, não ha mais senhores!”, parafraseando o enfático grito dos jangadeiros ao resistirem ao tráfico de escravizados no porto de Fortaleza ao dizerem que “no Ceará não se embarcam mais escravos!”. Estes últimos, verdadeiros percussores da abolição no Ceará. Cordeiro ainda prosseguiu, afirmando que a partir da ação do abolicionismo por ele liderado, foi “aberta a primeira brecha, vencida a primeira batalha”, discurso que apagava e menosprezava a própria greve dos jangadeiros, as resistências dos escravizados, através das fugas, a conquista limitada da autonomia a partir compra da própria liberdade através do acúmulo do pecúlio (SOBRINHO, 2020).

Com homenagens até mesmo fora do Brasil, o político “iluminado” Joaquim Nabuco, com o seu abolicionismo transnacional, deu o seu parecer sobre o “Ceará Livre” diretamente de Londres, na edição especial do jornal *Libertador*, quando o mesmo era corresponding member da associação britânica British and Foreign Anti-Slavery Society (BFASS). Com isso, a estratégia cosmopolita de Nabuco (ALONSO, 2010) referencia a província pela “imensa luz accesa no norte” que há de se “destruir as trevas do Sul” e não há quem possa “impedir a marcha d’essa claridade!”. Incrivelmente no relato, ele reconhece os extraordinários esforços das classes po-

8. *Libertador*. “A obra da loucura”. Fortaleza, ano IV, nº 63, 25 de março de 1884. p. 2-3.

9. *Libertador*. “O combate de hoje e a vitória do amanhã”. Fortaleza, ano IV, nº 63, 25 de março de 1884. p. 2.

10. *Libertador*. “Está feita a primeira brecha”. Fortaleza, ano IV, nº 63, 25 de março de 1884. p. 5.

pulares “á maneira dos Jangadeiros e dos outros Cearenses, para alargar o solo livre do paiz e restringir a arca negra da instituição maldita”¹¹. Como bom patriota, nessa mesma edição, Joaquim Nabuco fazia jus à sua relevância no cenário político e discursiva à semelhança de um líder internacional.

Ainda exaltando o protagonismo cearense e de sua elite urbana e letrada, na *Gazeta do Norte*, João Lopes, reforçou que a “eliminação do escravo na terra de José d’Alencar é um acontecimento tão grande em sua manifestação pura e simples, quanto complexo em suas ulteriores consequências”, e continua mostrando seu sentimento ao escrever que “a escravidão amanheceu hoje no derradeiro paroxismo”, pois “já não é preciso que os abolicionistas lutem para mata-la; é bastante que se preparem para cumprir um preceito de hygiene social, sepultando-a”¹². Com esses discursos, os redatores dos periódicos transmitiam à população a sensação de “dever cumprido” por meio da “benfeitoria” dos abolicionistas, distribuídas em massa nos veículos “informativos” por todo o Ceará.

Assim, extando a campanha abolicionista e seus protagonistas, parecia que o 25 de março de 1884¹³ representava também o fim de todos os danos causados por séculos de escravidão. Mas antes do “grande dia”, as gazetas que circulavam pelas ruas de Fortaleza já causavam um certo burburinho entre seus (e) leitores com anúncios que projetavam qual seria o foco da grande festa.

“Aos ricos champagne de 1ª qualidade”: os anúncios da festa da liberdade

A comoção da elite cearense em torno do 25 de março de 1884 era perceptível nos seus mais variados espaços de atuação, sendo eles no campo da política, no âmbito social ou na economia. Esta última, gerando grandes lucros com a venda dos mais variados produtos para o incremento da festa libertadora da província, que homenagearia os abolicionistas em um evento construído para celebrar os feitos dos “homens de bem”, que “compadeceram” em prol de uma causa humanitária.

O capricho na elaboração dos anúncios de produtos durante a festa da abolição cearense, eram repletos de ornamentos gráficos que simbolizavam o luxo e o cuidado do anunciante com o seu público alvo. Eram impressos nas gazetas cartazes de produtos diversos como adereços, roupas, comidas e bebidas dedicados exclusivamente para o dia 25 de março. Com promoções

11. **Libertador**. “À Sociedade Cearense Libertadora”. Fortaleza, ano IV, nº 63, 25 de março de 1884. p. 2.

12. **Gazeta do Norte**. Fortaleza, ano IV, nº 64, 25 de março de 1884. p.2.

13. Ao contrário do que muitos imaginam, em 25 de março de 1884, não ocorreu nenhuma aprovação de lei ou decreto provincial determinando o fim da abolição no Ceará. Desde 1883, campanhas abolicionistas começaram a promover em diversas cidades cearenses a compra da liberdade de escravizados com recursos do fundo de emancipação ou recursos levantados pelas libertadoras. Acarape foi a primeira vila em que a liberdade de todos escravizados foi comprada ou concedida pelos proprietários, outras seguiram o exemplo, a Assembleia Provincial também aprovou a cobrança de taxas que deixaram o comercio interno inviável, fazendo que os proprietários, com receio de perder suas propriedades através das fugas, optassem pela alforria em troca de uma remuneração ou prestação de serviços. Assim, em 25 de março de 1884, ocorreu em Fortaleza a proclamação de que todas as vilas do Ceará libertaram seus escravizados, portanto, um ato com teor mais simbólico do que impacto legal, uma vez que a maioria dos cativos e das cativas já estava em liberdade. Embora, como aponta Eduardo Campos, em 1886, ainda havia registro da manutenção da escravidão em Milagres (CAMPOS, 1984a).

imperdíveis, usufruídas unicamente por pessoas influentes de famílias tradicionais, ou seja, somente a elite fortalezense e do interior da província.

Para o êxito nas vendas, as estratégias deveriam ser as melhores e erguidas de atributos visuais, como fontes ousadas, símbolos sofisticados e chamadas criativas. Ao passo em que a escrita também deveria ser considerada, como chama atenção (CAMPOS, 1984: 17), sobre a linguagem empregada nas gazetas do século XIX, que transparecia elegância e objetividade, tornando-se a maior expertise dos corpos editoriais. Tudo construído para causar boa impressão ao leitor-consumidor.

Figura 1 - *Gazeta do Norte*: toda a população livre de comprar caro ¹⁴



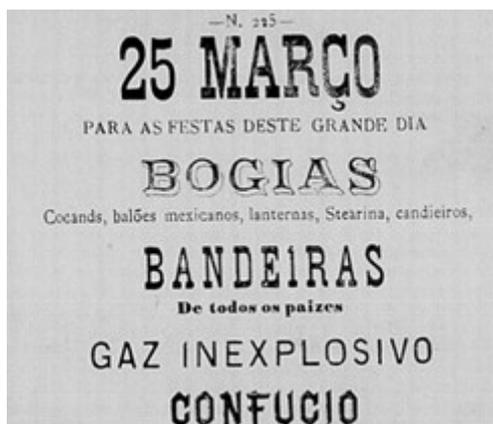
Expressivos e eloquentes, os “anúncios” referentes à festa da abolição no Ceará demonstram exatamente o seu público alvo: as pessoas com o maior poder aquisitivo da província. Apesar do anúncio da *Gazeta do Norte* fazer referência ao “grande dia 25 de março”, a propagada data de proclamação do fim da escravidão no Ceará e afirmar que “toda população” ficaria “livre de comprar caro”, os produtos anunciados não eram voltados ao consumo dos negros livres, nem da população pobre da capital cearense, uma vez que os produtos divulgados: “Agua de cologne (..) Extractos finíssimos dos melhores fabricantes. Enorme quantidades de óleos, Agua florida verdadeira (...) Os magníficos espartilhos (...) Toalhas de puro linho, para rosto, com franjas cor de rosa”, não estavam direcionados à toda população da cidade, os populares deveriam preferir pagar mais barato pela carne verde, a farinha ou pela rapadura. De fato, a imprensa direcionava seu discurso para estimular os padrões de consumo somente de parte da população de Fortaleza, especialmente os setores de elite que estavam se autoproclamando como protagonistas do processo abolicionista.

Neste contexto, os anúncios publicados nas edições dos jornais que antecederam o 25 de março ocupavam às vezes, 3 das 4 folhas dos periódicos. No caso da *Gazeta do Norte* a propaganda das mercadorias voltadas aos setores de elite da capital alencarina, começavam na pri-

14. *Gazeta do Norte*. “Anúncios”. Fortaleza, ano IV, nº 62, 19 de março de 1884, p. 1.

meira folha e devido à grande quantidade de anunciantes, os anúncios retornavam na terceira folha indo até a página final do jornal. Tal característica e presença marcante dos anúncios evidenciam que a quantidade de propaganda de um periódico era um sinal da sua recepção positiva pela opinião pública (SCHWARCZ, 1987: 64), uma vez que, os periódicos mais lidos, geralmente tinham suas páginas recheadas de anúncios (apud MESQUITA, 2021: 257). Assim, quanto maior for o espaço do anúncio na publicação, maior seria o valor pago para estar ali.

Figura 2 - Gazeta do Norte: ornamentos¹⁵



Remetidas ao público da grande festa da abolição promovida pelas maiores autoridades da província e pelos abolicionistas “detentores” do feito, o clima festivo dominaram as edições dos jornais *Gazeta do Norte* e *Libertador* às vésperas do “grande dia de festa”. Tendo entre eles, muitas vezes, os mesmos anunciantes que reverberavam o seu poder na disputa por espaço e lucro vinculados ao ato solene programado para o 25 de março de 1884.

“Cocands, balões mexicanos, lanternas, Stearina, candieiros, bandeiras de todos os paizes”, vislumbra um sentimento vitorioso, gozado de orgulho por ato tão “grandioso”. Por isso, em meio a imensa ansiedade, os anúncios projetavam o que seria o espetáculo promovido pela elite para a elite. Nenhum destes, via-se destinado a outro público, senão aos grandes feitos da aclamada abolição ou até mesmo aos contrários a ela.

Em presságios que antecediam o acontecimento, muitos anúncios já traziam à tona o que de fato seria a tão divulgada festa da abolição. Não desprovida de intencionalidade, esta data muito bem exclamada, já havia sido marcada antes mesmo da “liberdade total da província”. Uma vez que, “em meados de fevereiro de 1884, cerca de 45% dos municípios cearenses não tinham mais escravos e a data da emancipação completa fora prevista para 1º de junho. Depois, a previsão é recuada para 25 de março, aniversário de 60 anos da Constituição” (MARTINS, 2012: 38). É nesse sentido que o alarde dos anúncios se oficializaram ao antecipar a festa da abolição e “os jornais de Fortaleza publicavam reclames (...) das casas comerciais da cidade, anunciando a chegada de mercadorias especialmente para o dia 25 de março” (MARTINS, 2012: 38).

15. **Gazeta do Norte**. “Anúncios”. Fortaleza, ano IV, nº 62, 19 de março de 1884, p. 1.

Figura 3 – *Libertador*: chegou a tempo ¹⁶



As vestimentas, calçados e adereços à venda, são alguns elementos apresentados que evidenciam a elitização do evento. Itens que colaboram para a distinção entre ricos e pobres, provocando em muitos casos, competições entre os próprios consumidores, sobre quem estaria mais a altura do evento, na disputa de egos e na construção do *status* de “conquista” para o efeito da abolição. Não é por acaso, que os anúncios de vestuários foram os mais presentes nas capas dos jornais *Gazeta do Norte* e *Libertador*. A exemplo, temos a publicação destinada “ao bello sexo” – referindo-se a mulher daquela época – presente em ambos os jornais, buscaram vender “flores de pena d’Aves, o que há de melhor e nunca vindo a este mercado”¹⁷, vendidas na *Loja das Machinas* em Fortaleza. “Vinda ao Ceará pela primeira vez”, foi o elemento persuasivo do anúncio, na medida que a “exclusividade” seria um elemento de destaque interessante para o uso nas festividades, tendo em vista a “visibilidade” e “poderio” evidenciados sobre o conglomerado de pessoas com as melhores e mais caras vestimentas.

Além do sucesso com os vestuários, a alimentação também configurava-se como um ponto alto. De queijo suíço a salame, eram anunciadas as comidas mais requintadas para comemorarem bem vestidos o banquete da “libertação”.

16. **Libertador**. “Anúncios”. Fortaleza, ano IV, nº 62, 20 de março de 1884, p. 1.

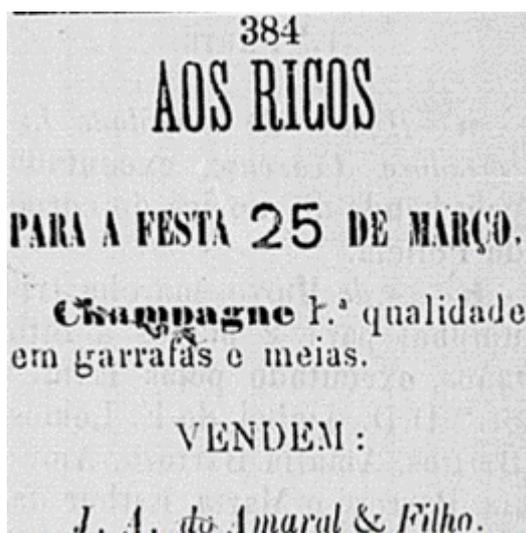
17. Anúncio presente nas primeiras páginas do **Libertador**. “Anúncios”. Fortaleza, ano IV, nº 62, 20 de março de 1884, p. 1; e na **Gazeta do Norte**. “Anúncios”. Fortaleza, ano IV, nº 62, 19 de março de 1884, p. 1.

Figura 4 – Libertador: bem servidos!¹⁸



Com artigos de decoração, roupas e comidas da mais alta qualidade anunciadas nas folhas das gazetas, para complementar a festa faltava-lhes a bebida. Nesse caso, um belo champanhe foi anunciado. Mas só que dessa vez, a bebida originária da França, veio com um importante recado no *Libertador*:

Figura 5 - Libertador “Aos Ricos”¹⁹



“Aos ricos para a festa 25 de março Champagne 1ª qualidade em garrafas e meias”, vendidos por J.A. do Amaral & Filho, direto ao ponto, como explicitado no anúncio, só os ricos

18. Libertador. “Annuncios”. Fortaleza, ano IV, nº 62, 20 de março de 1884, p. 1

19. Libertador. “Annuncios”. Fortaleza, ano IV, nº 62, 20 de março de 1884, p. 4

daquela província poderiam pagar a bebida para usufruto do 25 de março, fato este, que só evidencia os verdadeiros beneficiados com a forma que os jornais desejam que a abolição deveria ser lembrada e aqueles que supostamente foram responsáveis por sua realização.

Foi nesse clima, que o *Libertador* fez um convite de título um pouco contraditório: “Venham todos”²⁰, mas, será mesmo que aqueles que não tinham recursos para consumir as bebidas de primeira qualidade anunciadas estariam incluídos no “todos” descritos pelos membros da *Sociedade Cearense Libertadora* no convite para a festa do dia da abolição?. Sob a designação de que a “festa é popular, como todas as grandes festas”, a mesma seria “em honra de uma causa santa, como todas aquelas que engrandecem os povos pela consciencia do saber”. Acima de tudo, o convite do *Libertador* ainda exalava “modéstia”, ao dizer que dessa forma construía-se a “festa da democracia, sem luxo e sem riqueza, mas abundantes de entusiasmo e de grandeza”, complementando o seu chamado ao dizer: “venhão, portanto, todos ao banquete publico, onde o ultimo será o primeiro, e o primeiro o ultimo”.

Considerações finais

As constantes tentativas de promover o progresso por parte da elite política e intelectual cearense consagrou a segunda metade do século XIX como um período marcado pela modernização de diversos setores, entre eles o econômico, o social e o arquitetônico em detrimento de acordos comerciais que alavancaram a economia local (CORDEIRO, 2000: 135). Por esta razão, Fortaleza acabou se tornando um dos maiores centros populacionais e também tecnológico da província (PONTE, 2000: 163). Fatores que acarretaram em interesses políticos, alavancados com o surgimento da imprensa, sendo esta, uma extensão para o fluxo de ideias partidárias. Por esse viés, os jornais acabaram moldando a dinâmica da capital, bem como os centros de algumas cidades do interior, na medida em que se tornaram fontes de informação e conhecimento sobre a “realidade” a partir da ótica dos redatores (FERNANDES, 2004: 57). São nessas circunstâncias que a abolição acabou se tornando pauta principal na folhas impressas a partir da década de 80 no Ceará, com a criação das sociedades libertadoras e a das alforrias financiadas pelas mesmas, gerando grande comoção e aclamação nos eventos construídos para a exibição das libertações nas vilas da província (MARTINS, 2012: 36).

Os interesses com a abolição foram refletidos nas páginas da imprensa, que acabaram usufruindo desse evento tardio - em relação a outros países da América - como uma conquista exclusivamente da classe abolicionista cearense, apagando outros fatores mais eficazes como a resistência e as estratégias de escravizados na sua luta pela liberdade (SOBRINHO, 2005: 112). Foi nesse sentido que a elite local com o seu poderio social e aparato da imprensa, investiu na propaganda da abolição e buscou mobilizar a população, ou parte dela, criando a ilusão de um evento para “todos”, mas que na verdade, como podemos perceber através dos anúncios analisados das gazetas, acabaram por entregar para quem de fato se destinava tais festividades. Feita exclusivamente pela elite e para a elite, a festa da abolição acabou construindo um imaginário de endeusamento dos abolicionistas sobre a “conquista” da libertação do cativo.

20. *Libertador*. “Venham todos”. Fortaleza, ano IV, nº 62, 20 de março de 1884, p. 2.

Referências

- ALBUQUERQUE, Wlamyra R.; FRAGA FILHO, Walter (2006). *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultura Palmares. 2006.
- ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas. O movimento abolicionista brasileiro (1868-1888)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- BOSI, Alfredo. *A dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CAMPOS, Eduardo. *Imprensa abolicionista, igreja, escravos e senhores (Estudos)*. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1984.
- CAMPOS, Eduardo. *Revelações da condição de vida dos cativos do Ceará*. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1984a.
- CORDEIRO, Celeste. O Ceará na segunda metade do século XIX. In: SOUZA, Simone (Orgs.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 135-161.
- FERNANDES, Ana Carla Sabino. *A imprensa em pauta: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004.
- GIRÃO, Raimundo. *A abolição no Ceará*. 3. Ed. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto. 1984.
- GRAHAM, Richard. Nos tumbeiros mais uma vez? O comércio interprovincial de escravos no Brasil. *Afro-Ásia*, 27. 2002. p. 121-160.
- LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos. A Guerra dos Jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MARTINS, Paulo Henrique de Souza. *Escravidão, abolição e pós-abolição no Ceará: sobre histórias, memórias e narrativas dos últimos escravos e seus descendentes no sertão cearense*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012.
- MESQUITA, Francisco Paulo de Oliveira. “O abolicionismo do Ceará e o jornal A Província de S. Paulo”: o papel do Libertador na projeção do vanguardismo abolicionista cearense no teatro do jornalismo (1881-1883). *Revista Contraponto*. Teresina. 2020. p. 677-700.
- MESQUITA, Francisco Paulo de Oliveira. Novo jornalismo e abolicionismo: o jornal Libertador e a imprensa política na província do Ceará. *Revista Ars Historica*. 2021. p. 237-265.

OLIVEIRA, Almir Leal de. “Universo letrado em Fortaleza na década de 1870”. In: SOUZA, Simone; NEVES, Frederico de Castro. *Intelectuais*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 15-40.

PONTE, Sebastião Rogério. A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle. In: SOUZA, Simone (Orgs.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 162-191.

SALES, Francisco Levi Jucá. *Memórias afro-brasileiras: monumentos, museus e educação patrimonial em Redenção – Ceará*. Monografia do Curso de Especialização em Política de Igualdade Racial da Diretoria de Educação a Distância da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. Redenção, 2016.

SANTOS, Claudia dos. Imprensa. In: MOTTA, Márcia (Org.). *Propriedades e disputas: fontes para a história do Oitocentos*. Guarapuava/ Niterói: Unicentro/ EDUFF, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOBRINHO, José Hilário Ferreira. “*Catirina minha nega, Teu sinhô ta te querendo vende, Pero Rio de Janeiro, Pero nunca mais ti vê, Amaru Mambir*”: O Ceará no tráfico interprovincial (1850-1881). Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História/ UFC. Fortaleza, 2005.

SOBRINHO, José Hilário Ferreira. As brechas nas leis e as estratégias dos escravos para obterem sua liberdade. In: FUNES, Eurípedes A; RODRIGUES, Eylo Fagner Silva; RIBARD, Franck (Orgs.). *Histórias de Negros no Ceará*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. p. 132-147.

SOUSA, Mariana de Oliveira. “*Terra da Luz*”: a abolição da escravidão no Ceará a partir do discurso político (1870-1888). Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2014.

TEÓFILO, Rodolfo. *História da seca do Ceará (1877-1880)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

VIEIRA, Jofre Teófilo. “Uma conspiração de cozinha tantas vezes fataes a sala”: o motim dos pretos da Laura em 1839. In: FUNES, Eurípedes A; RODRIGUES, Eylo Fagner Silva; RIBARD, Franck (Orgs.). *Histórias de Negros no Ceará*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. p. 148-171.